

A morte e a sílaba¹

Death and the Syllable

Bernardo Oliveira*

La idéia de Wilberth Claython F. Salgueiro, vulgo e sacramentado Bith, de publicar sua coletânea de *personecontos* junto com uma “fortuna crítica” é, até onde posso saber, originalíssima. Mas, se começo falando desta sua idéia de livro, não é por causa desta possível originalidade, que pode, talvez, ser contradita por algum exemplo em alguma parte do mundo. Mas ela revela uma concepção de *livro*: aqui há a poética de um livro, que envolve e engloba a poética da construção de versos e sonetos, sem que isto coloque esta em segundo plano.

Eu assinalaria, a este respeito, alguns pontos: em primeiro lugar, neste gesto, Bith traz para seu projeto uma vivência, que é a de todos os que participam desta “fortuna”, a da inseparabilidade entre a palavra dita poética (incluindo, é claro, a narrativa, e até mesmo toda e qualquer das assim ditas “manifestações”

¹ OLIVEIRA, Bernardo. A morte e a sílaba. In: BITH. *Personecontos*. Vitória: Flor&Cultura, 2004. p. 77-81.

* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

artísticas) e a tal palavra crítica. O que foi visto, lá no séc. XIX por um certo filósofo, como signo inequívoco de uma progressiva “morte” das artes, que ele considerava cada vez mais dependente da palavra crítica, hoje, neste livro, reaparece como fator de festa e de potenciação do jogo literário. Se para o sábio alemão a realização máxima da arte seria a escultura grega, que dispensava palavras e mostrava por si só a verdade do mundo numa forma “sensível”, hoje percebemos que a coabitação da arte e da palavra que a tematiza não representa sua morte, mas sim uma forma histórica de existência.

Bith, como todos nós aqui, habita os corredores, salas de aula e auditórios da universidade. Ele sabe porém, como poucos, ser fiel a um amor pela literatura, amor que no entanto não exclui nenhum aspecto de sua profissão, pois envolve e entrelaça mais de uma frente de trabalho: a leitura solitária, sempre acompanhada da prospecção de outros leitores para os textos que nos tocam; o trabalho de apresentar estas leituras e contagiar, nas salas de aula, aqueles que se dispõem a se contagiar por algo; a escrita de textos sobre questões ligadas às poéticas dos outros e a escrita de textos que expõe uma poética só nossa, aqueles textos (chamamos de poesias ou contos ou romances) onde expomos nossos pequenos manifestos de como a literatura poderia ser. Ao fazer tudo isso, com igual empenho, não vendo, ao menos assim o creio, qualquer contradição séria entre estes lados de uma mesma figura, Bith é um exemplo feliz desta modalidade bastante atual de autor literário: o escritor-professor universitário. Se há alguns que, sendo professores, percebem o seu lado “acadêmico” e o seu lado “escritor” como conflitantes, um sufocando ou atrapalhando o outro, este não é o caso do autor destes personecontos. Ao escrever sobre, por exemplo, um texto de Guimarães Rosa ou de Roland Barthes, o escritor-professor universitário está tão presente quanto ao elaborar um soneto.

Demoro-me falando do autor, pois para mim seria artificial deixá-lo de lado quando o vi ontem ainda. Ainda mais que isto de que falamos acima é um dos índices iniciais que falam da clareza deste projeto, do qual tenho a honra de fazer

parte. Ao escrevermos juntos este livro com Bith, celebramos de certo modo nosso próprio modo de existência, nós que, de um modo geral, também, de um jeito ou de outro, temos o mesmo tipo de experiência, neste “espaço entre” a escrita e a universidade. Digamos que nalgum dia futuro um estudioso que se debruce sobre este livro terá motivos para ver nele o claro sinal de uma época, de uma certa condição de existência da palavra escrita numa determinada era (é possível até prever, aqui, portanto, um desdobramento deste livro para além dos limites de suas capas).

Há um outro aspecto, que está incrustado no que acabamos de falar, que deve ser aqui lembrado. Como a nossa precursora Andréia Delmaschio, em trabalho sobre os personecontos de Bith (“Os “personcontos” de Bith: indiferença, dor e tragédia sob a máscara do riso”), assinalou rapidamente, a forma inicial de divulgação dos poemas narrativos do Bith foi o correio eletrônico. Creio que todos que participamos deste livro receberam, como eu, vez por outra alguma mensagem do Bith com um arquivo anexo.

O presente livro, por isso, tem raízes que antecedem sua concepção, pois nada mais natural do que convidar, para escrever e partilhar da encadernação aqueles que leram os arquivos estes anos. Trata-se de uma autêntica rede de leitores, que agora falam junto com o seu fundador, e que antes de se tornar livro coletivo já acontecia como leitura, produzindo agora, por fim, uma bela sinergia entre o arcaico livro e a tal internet.

II. Foram umas três ou quatro remessas (não posso nem fazer um histórico preciso, pois neste meio tempo meu “agadê” pifou, e perdi parte de minha caixa de mensagens), culminando nesta última, em que recebemos o convite para participar do livro. Lembro-me bem, no entanto, da primeira leva. Bith mandou um apanhado de poemas seus, alguns mais antigos, sonetos amorosos, haikais, poemas-piada, um sortimento variado e de diferentes épocas. Ao fim já surgiam

uns três ou quatro personecontos. Na minha resposta, expus umas considerações sobre as diferentes vertentes que se podiam identificar no apanhado. Gostei muito de uns poemas amorosos, sérios, outros misteriosos, alguns de “tema” impreciso, parecendo compor pinturas algo abstratas. E dos personecontos... não gostei. Me pareceram muito reticentes. Disse até, de modo bem desajeitado e demasiado “filosófico”, que não tocavam em nada que movesse a alma, ou algo assim. Fiz a ressalva, que me salvou, de que talvez com um apanhado maior de personecontos diante dos olhos fosse possível vislumbrar melhor qual era, afinal, o babado.

Seria justo deste modo que a história dos personecontos prosseguisse: outras remessas, periódicas, atestando a existência de uma oficina de sonetos instalada em silêncio e paciência. Bith estava mesmo decidido por aquela estranha forma, narrar no espaço curto e regado do soneto pequenas histórias, cortes transversais de vidas alheias, em geral momentos brutos e decisivos. Os curtos movimentos narrativos vinham sempre marcados por uma bem-humorada indiferença, como se todos dissessem, sobre aqueles dramas, como na canção, “bobagens, meu filho, bobagens”. Surpreendentemente Bith, que é confesso admirador e leitor assíduo (e declamador de memória sempre pronta e ritmada) de Paulo Leminski, revelava um talvez involuntário parentesco com outro autor daquelas paragens sulistas, Dalton Trevisan. (Aproveito para deixar claro que acho os personecontos mais interessantes do que o que li até hoje de Trevisan.)

Sim, a partir da segunda leva, com uns vinte e poucos textos, já dava para perceber uma poética (e eu mesmo, naquele meio tempo, devo ter mudado um pouco), que na ocasião defini como a da “morte súbita”. Naquela época, senti que começava a “entender” os personecontos. Percebia neles uma curiosa e insistente mania de enquadrar, na rápida moldura dos dois quartetos e dois tercetos, pequenas histórias trágicas sem tragédia, tristes sem tristeza, sucessos abruptos, tão rápido encerrados quanto começados. A forma do soneto surgia em completo acordo com a necessidade de focalizar uma micro e definitiva

história (não esqueçamos que definir significa dar fim), as sílabas se numerando rápidas, certas da morte precisa e do fim exato no último verso. “Acabe aqui, soneto”, lemos em “Amarildo e Lê” (14), e a morte súbita sorri, sem drama.

Fiquei satisfeito, na época, com minha “descoberta”. Achei aquilo muito bom, pois muitas vezes me incomoda a sensação, ao ler certos poemas por aí, de que são na verdade textos em prosa arbitrariamente “formatados” em verso, que não têm necessidade íntima de estarem em versos. Mas os contos do Bith só poderiam surgir em versos. A métrica não lhes é nada de exterior, e seu tema mais constante (a morte), como dissemos, pode até ser lido como alegoria da própria forma, e vice-versa. Esta foi minha porta de entrada na poética dos personecontos.

Mortes repentinas e/ou violentas (personcontos 7, 10, 13, 16, 25, 26, 37, 39), suicídios (2, 31, 45, 47), notícias de doenças terminais (4, 17), aparecimentos sobrenaturais ou quase, mas que significam o fim (1, 5, 21, 36)... “Foi tudo muito rápido”, começa o soneto 25, “Tubi ou Diego”, que, dirão, não tem nada de trágico, apenas uma bola que fura, no último instante, antes do gol. E nem me lembro se ele constava daquela segunda leva, ou da terceira. Creio que sim. Mas é um exemplo da poética da morte súbita, ainda mais que este termo ultimamente deixou seu domicílio médico e foi se instalar no campo do futebol. Diria mesmo que ele, na minha ótica, seria o escolhido para emblematizar a poética que eu então entrevia no conjunto dos personecontos.

Não me senti abalado ao perceber, nesta última e definitiva remessa que, com nitidez, vários, diversos poemas não têm o tema da morte súbita, o que torna a solidariedade entre forma e assunto mais vaga, embora não menos segura. Eu mal conto sílabas. Falo em segurança por conta desta que foi a porta de entrada na poética do Bith, que foi, para mim, uma aula de poesia em geral, a experiência de perceber a tão falada (ou nem tão como devia...) inseparabilidade de “forma e conteúdo”. Mas dos outros poemas, entre os quais estão vários de meus

prediletos 49 (assinalo aqui os de número 22, 23, 27, 30, 46 e o 48, muito bons, que nos enviam para outras paragens temáticas, mas sempre com a mesma calma urgência, a certeza do fim, o corte preciso da métrica, que mostra que tudo é rápido, especialmente a vida...), que falem os meus caros colegas de livro.



A morte e a sílaba

Bernardo Oliveira

I

A IDÉIA DE WILBERTH Claython F. Salgueiro, vulgo e sacramentado *Bith*, de publicar sua coletânea de *personecontos* junto com uma "fortuna crítica" é, até onde posso saber, originalíssima. Mas, se começo falando desta sua idéia de livro, não é por causa desta possível originalidade, que pode, talvez, ser contradita por algum exemplo em alguma parte do mundo. Mas ela revela uma concepção de *livro*: aqui há a poética de um livro, que envolve e engloba a poética da construção de versos e sonetos, sem que isto coloque esta em segundo plano.

Fu assinalaria, a este respeito, alguns pontos: em primeiro lugar, neste gesto, Bith traz para seu projeto uma vivência, que é a de todos os que participam desta "fortuna", a da inseparabilidade entre a palavra dita poética (incluindo, é claro, a narrativa, e até mesmo toda e qualquer das assim ditas "manifestações" artísticas) e a tal palavra crítica. O que foi visto, lá no séc. XIX por um certo filósofo, como signo inequívoco de uma progressiva "morte" das artes, que ele considerava cada vez mais dependente da palavra crítica, hoje, neste livro, reaparece como fator de festa e de potenciação do jogo literário. Se para o sábio alemão a realização máxima da arte seria a escultura grega, que dispensava palavras e mostrava por si só a verdade do mundo numa forma "sensível", hoje percebemos que a coabitação da arte e da palavra que a tematiza não representa sua morte, mas sim uma forma histórica de existência.

PERSONECONTOS :: 77

Capa de *Personecontos*, de Bith, e a página inicial do texto de Bernardo Oliveira.